

A INTEGRAÇÃO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO: Perspectiva da pedagogia hospitalar

Gracieli Fernanda Volpato Marques Pereria¹; Deise Cristina de Araújo²; Ana Laura da Silva Teixeira^{3*}

¹ Graduanda em Pedagogia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; ² Esp. em Docência do Ensino Superior pela de Faculdades Campos Elísios – FCE; ³ Mestre em História e Filosofia da Educação – UNESP, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: anateixeira_ufms@yahoo.com.br

RESUMO

Ao buscar na vivência do contexto hospitalar, o olhar voltado às crianças e adolescentes que se encontram internadas, remete-nos à alguns questionamentos a respeito dos direitos a educação, bem como a formação cidadã a estes sujeitos. Dessa forma, a pedagogia hospitalar faz com que a criança e o adolescente, quando hospitalizado por longo período, retome o contato com o seu cotidiano, como ir à escola, brincar, o que pode auxiliar na diminuição da ansiedade, amenizar as condições psicoemocionais, sociais, e principalmente cognitiva no que diz respeito ao processo de aprendizagem. Entretanto, existem pouquíssimas classes hospitalares no Brasil e onde elas existem há inúmeros desafios a serem enfrentados. Dessa forma, a pedagogia hospitalar é fundamental para o desenvolvimento da criança em situação de internação e traz consigo um profissional extremamente necessário: o professor. Assim, este estudo tem como objetivos: apresentar as peculiaridades do trabalho pedagógico dentro do hospital, destacando a importância da formação continuada e como objetivo específico: identificar as contribuições e os enfrentamentos vivenciados pelos professores no atendimento educacional hospitalar. A abordagem metodológica utilizada foi a revisão bibliográfica, de modo que foi possível compreender a contribuição do pedagogo para o contexto hospitalar. Os resultados apontam que a pedagogia hospitalar pode trazer inúmeras contribuições à instituição hospitalar e as crianças internadas promovendo uma aproximação com o cotidiano escolar e a aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: pedagogia hospitalar; trabalho docente; formação continuada; rotina e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o contexto da saúde e da educação tem sido traçado por meio de novas diretrizes, com prevalência do diálogo entre ambos os campos, tudo isso fruto da pedagogia hospitalar, pois é visível a existência e a necessidade de interação entre eles.

A pedagogia hospitalar é fundamental para o desenvolvimento da criança em situação de internação e traz consigo um profissional extremamente importante e necessário: o professor.

Profissional que, no exercício de sua atividade, ao atuar no contexto

do hospital, será deslocado do seu espaço rotineiro, a escola, para um ambiente em que a doença, a dor e a morte estão presentes. A professora estará diante da diversidade de fatores contraditórios que envolvem a criança em tratamento, vivenciando em seu fazer docente restrições impingidas pelo diagnóstico e pelo tratamento, mas também encontrará possibilidades na oportunidade de ensino e aprendizagem da criança (SOUZA, ROLIM, 2019, p. 404).

Dessa forma, o profissional que atua no contexto hospitalar estará diante de uma diversidade de fatores que envolvem a criança em internação,

experienciando restrições impostas desde o diagnóstico até o tratamento, mas também encontrará inúmeras possibilidades de ensino e aprendizagem.

Diante de tudo o que já foi exposto, definimos como objetivo geral para este artigo: apresentar as peculiaridades do trabalho pedagógico no hospital, destacando a importância da formação continuada para professores da classe hospitalar e como objetivo específico, identificar as contribuições e os enfrentamentos vivenciados pelos professores no atendimento educacional hospitalar.

A abordagem metodológica utilizada nesse artigo de revisão bibliográfica foi a qualitativa de modo que fosse possível compreender os sentidos e as interpretações entre os elementos pesquisados, afinal, segundo Bogdan e Bilken (1994), a pesquisa bibliográfica alicerça os fundamentos que abordam o tema em questão, relatando desse modo, a contribuição do pedagogo no contexto hospitalar.

Neste sentido, esta pesquisa procura descrever as inúmeras possibilidades do processo de educação em diversos lugares, de forma não formal, como a Pedagogia Hospitalar, bem como a atuação do pedagogo em um ambiente tão singular atendendo crianças e adolescente em estado de vulnerabilidade física e emocional, sem desviar o objetivo fundamental do processo de ensino e aprendizagem integral à esses pacientes escolarizados.

Sabe-se que a humanidade se movimenta em um ciclo de motivação cultural coletiva, determinada pelo período sócio-histórico.

...A educação é, portanto, fundamental para a socialização e humanização, com vista à autonomia e à emancipação. Trata-se de um processo que dura a vida toda e não se restringe à mera continuidade da tradição, pois supõe a possibilidade de rupturas, pelas quais a cultura se renova e o ser humano faz a história (ARANHA, 2006, p. 67).

Percorrendo a história da educação e da pedagogia, temos desde os primeiros filósofos gregos a preocupação com formação integral centrada no corpo e no espírito, voltada aos meninos, por influência do período histórico, a ênfase destinava ao ensino militar e esportivo, sem desmerecer questões intelectuais, resgatando a paidéia, criada no sec. V, com significado inicial “criação de meninos” (paídos –crianças)

Surgia pois, a necessidade de elaborar teoricamente o ideal da formação, não do herói submetido ao destino, mas do cidadão, que deixa de ser depositário do saber da comunidade, para se tornar aquele que elabora a cultura da cidade (ARANHA, 2006, p. 67).

Segundo Aranha, os gregos esboçaram as primeiras linhas consciente da ação pedagógica, por influência do filósofo Sócrates.

Podemos dizer que a História da Pedagogia no seu sentido próprio nasceu entre os séculos XVI e XIX desenvolvendo-se no decorrer desse último como pesquisa elaborada por pessoas ligadas às escolas... (LOSS, 2014, p. 23, 24).

O que se leva em consideração nesse artigo é a conservação desse princípio pedagógico grego, a importância da formação intelectual do indivíduo com vistas a estarem aptos a viverem em sociedade.

O respeito a figura da criança e do adolescente advinda de leis como Constituição Federal de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei de diretrizes e Bases da Educação e Base Nacional Comum Curricular, são suportes para equidade desses sujeitos de direito, trazendo à tona educação em locais como hospitais, com objetivo de dar prosseguimento a aprendizagem de forma adaptada a patologia diagnosticada, junto a profissionais capacitados, rompendo barreiras quanto à forma formal do

processo de ensino. Aqui entende-se educação formal, como aquelas oferecidas apenas no interior de estabelecimentos oficiais, como as escolas por exemplo.

Não é intenção deste trabalho, adentrar a realidade atual ao qual vivemos em consequência da pandemia pelo COVID-19, mas no decorrer da pesquisa as palavras de Jacqueline Dantas foram essenciais para a construção de uma nova percepção. Pedagoga hospitalar em Minas Gerais, no Sistema Único de Saúde, rodeada pela incerteza e insegurança de atuar ou não em um cenário obscuro e apavorante, a autora de um artigo invejável, vivenciou prática pedagógica em tempo pandêmico e apropriou-se da importância da pedagogia hospitalar em tempos tão difíceis.

Dentro do hospital, somos muitos profissionais que trabalham diariamente na prestação de uma assistência que faça a diferença na vida das pessoas. Inúmeras equipes se integram e, dentro desse universo da multidisciplinaridade, se encontram em suas singularidades para se apoiar. Embora acolhida pelas demais equipes, infelizmente o trabalho pedagógico hospitalar ainda é uma realidade solitária na maioria dos hospitais (DANTAS, 2020, p. 6).

Ausente de sua atuação em um período de quinze dias, foram suficientes para autora repensar no que de fato é importante na atuação de um pedagogo na área da saúde, indagações que outrora pertencia a pensamentos foram trocadas por decisões a serem tomadas no que tange a se colocar no lugar do outro, uma vez que ele já ocupa situação vulnerável. Jacqueline atua no Ambulatório de Urgência e Emergência, na Unidade de Tratamento Intensivo e na Unidade de Tratamento de Queimados, num total médio de 36 leitos, segundo a autora, a brinquedoteca e a classe hospitalar deixaram de assumir sua função no desenvolvimento da criança e do adolescente

de maneira lúdica e pedagógica, amparada por marcos legais em consonância as propostas da Política de Humanização na Saúde.

Neste cenário de insegurança, o pedagogo hospitalar inicia ressignificação na sua prática pedagógica, anteriormente objetivando a troca de experiência coletiva, nos dias hodiernos as atividades acontecem individuais com a mediação do professor bem como a utilização dos materiais didáticos, destinado a cada criança internada seguindo protocolos de saúde.

...podemos até suportar não tocarmos nossos corpos com um abraço ou um aperto de mão, mas é imprescindível que continuemos a tocar almas com nossos olhares escondidos por máscaras. Precisamos, agora, aprender a acolher e sorrir com os olhos. As crianças sabem quando sorrimos para elas e, geralmente, devolvem com outro sorriso.

Foi através do reencontro dos meus olhos com os olhos das crianças hospitalizadas que enxerguei um novo sentido para o trabalho pedagógico...

...Nem a internação, nem a doença, nem a pandemia vão impedir que uma criança busque se reconectar com a sua infância, se dermos a elas oportunidades para isso (DANTAS, 2020, p. 233).

O pedagogo hospitalar segundo Dantas, traz uma porção de esperança nas leituras, afago nas palavras, alegria nas músicas e conforto no olhar, tanto aos internos, como aos acompanhantes e a equipe que envolve um cenário de medo, tristeza e despedidas. Atuar na área da saúde na pedagogia informal é ir além do aprender e ensinar conteúdos curriculares é dar sentido ao que é vital...

Assim, a criança pode suportar algum tempo a falta da brinquedoteca, mas é vital para sua saúde física e emocional que ela siga brincando. As aulas e os conteúdos escolares serão, de alguma forma,

recuperados. Diante disso, o prejuízo de uma internação ociosa, sem estímulos para que o desejo de aprender continue vivo no sujeito, pode causar na vida da criança algo extremamente drástico (DANTAS, 2020, p. 233).

2 A PEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR E A CLASSE HOSPITALAR

A pedagogia hospitalar vem se expandindo no atendimento à criança e adolescentes hospitalizados, segundo o Conselho Nacional de Educação (Resolução nº 1 de 15 de maio de 2006 no artigo 5º, parágrafo IV). O Pedagogo deverá estar apto a “trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidade do processo educativo”, logo, o pedagogo manterá diálogo entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem do paciente escolarizado.

A classe hospitalar não é uma criação recente na história da educação e sua origem remonta do início do século XX na França (OLIVEIRA et al., 2008).

Em 1935, quando Henri Sellier inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas, em Paris, seu exemplo foi seguido na Alemanha, em toda a França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas, teve início o histórico de classes hospitalares.

No Brasil, essa prática educacional iniciou-se em 1950, com a classe hospitalar no Hospital Jesus, localizado no Rio de Janeiro, porém há registros que em 1600, ainda no Brasil Colônia, havia atendimento escolar aos deficientes físicos na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo. Essa modalidade de ensino só foi reconhecida em 1994 pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) através da Política da

Educação Especial, e, posteriormente normalizado entre os anos de 2001 e 2002 com os documentos, também do MEC, intitulados de: Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica e Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: orientações e estratégias (OLIVEIRA, 2013, p. 27686).

Ainda segundo Oliveira (ibid.), a primeira professora dessa classe hospitalar foi Lecy Rittmeyer e as aulas eram dadas individualmente, nas enfermarias, visto que não existia no hospital instalações apropriadas para esse tipo de atendimento. Somente em 1958, ou seja, oito anos depois, foi que o Departamento de Educação Primária cedeu ao Hospital Jesus a Professora Esther Lemos Zaborousky e os alunos puderam ser mais bem distribuídos e conseqüentemente mais bem atendidos em suas necessidades.

Apesar de passados mais de cinquenta anos desde a primeira experiência em classe hospitalar e mais de uma década da resolução que prevê este tipo de atividade no Brasil, evidenciamos dois fatos que demonstram fragilidade acerca desse assunto. Um diz respeito aos relatórios do Censo Escolar que apresentam números sobre classes especiais públicas, as quais compreendem classes com alunos com de necessidades educacionais especiais, institucionalizados em escolas exclusivamente especializadas e/ou em classes especiais do ensino. Estes dados não tratam de nenhuma informação específica acerca das classes hospitalares. Dessa forma, não é possível conhecermos a real dimensão e distribuição deste tipo de atendimento no nosso país (XAVIER, et al., 2013, p. 610).

Entretanto, o marco decisório das classes hospitalares adveio da Segunda Guerra Mundial, com um grande número de crianças e adolescentes atingidos e que permaneceram hospitalizados e impossibilitados de irem à escola

(FONSECA, 2003).

Em 1961 foram cedidas, a título provisório, cinco salas destinadas à radiologia, que não funcionavam por motivos técnicos. Essas condições improvisadas possibilitaram a prática de atividades extracurriculares, como teatro, bandinha, canto orfeônico e atividades manuais. Em 1963 a Classe Hospitalar do Hospital Jesus o quadro de professoras foi ampliado para seis. Em 1964, as cinco salas ocupadas a título provisório foram instalados o Serviço de Radiologia e a Documentação Radiológica com isso, o trabalho passou a ser desenvolvido nas enfermarias com prejuízo para as crianças e desgaste para as professoras. Em 1965 as professoras em exercício obtiveram diploma do Curso de Especialização em Deficientes Físicos, o que passou a serem exigidos as novas professoras das classes hospitalares (OLIVEIRA, 2013, p. 27691).

Segundo Loss, no sec. XX emerge-se o conceito de Direitos Humanos, dando à saúde e à educação tomadas de decisões correlatas a escolarização humanizada, ações que trazem ao ambiente hospitalar atividades lúdicas, de entretenimento e empatia, sendo assim, a humanização é mais que um ato humanitário; é considerar a essência do ser humano.

Segundo Camaru e Goldani (2004), durante a Declaração dos Direitos da Criança Hospitalizada, em 1987, determinou-se que seria o pedagogo, o profissional responsável pelo processo de ensino-aprendizagem da criança hospitalizada e/ou convalescente, enfatizando que elas precisam continuar a vida escolar durante a permanência no hospital e de serem beneficiadas com políticas públicas que as autoridades escolares possam colocar a sua disposição.

2.1 O pedagogo hospitalar

Como discorre Libâneo, “O curso de pedagogia deve formar o pedagogo

stricto sensu, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender a demandas socioeducativas de tipo formal e não formal e informal” (LIBÂNEO, 2010, p. 38), ademais o pedagogo hospitalar é o profissional que necessita apropriar-se de um vasto conhecimento e flexibilidade para lidar com diversidade humana, além de diferentes experiências culturais e capacidade de identificação das necessidades educacionais das crianças que se encontram impedidas de frequentar a escola (VASCONCELOS, 2001).

Assis, menciona em sua obra literária “não é fácil, nem simples, ser pedagogo, tão pouco ser responsável pelo conhecimento e pelas intervenções pedagógicas, assegurando a estreita relação entre o cognitivo e o afetivo no processo de aprendizagem” A atuação do pedagogo hospitalar vai além das esferas curriculares, perpassando pelas emoções e sentimentos muitas das vezes oculto, o paciente escolar tem características singular percebidas e adquiridas durante o processo de internação; se no ambiente “escola” o pedagogo possui empatia para lidar com seus alunos, sabendo-se que há um vínculo de reciprocidade concebida por dias de convivência, no ambiente hospitalar a humanização, empatia e o compromisso com o outro são itens indispensáveis para uma prática pedagógica com resultados positivos e o mais próximo a realidade dos enfermos escolares.

Para Loss, o pedagogo hospitalar:

é o profissional que interconecta os saberes acadêmicos e experientiais e em uma dinâmica dialética da teoria e prática constrói uma praxis educativa hospitalar no trabalho multi/inter/transdisciplinar. Ele coloca seus esforços pedagógicos em três eixos: a) Tempo de escolarização; b) Equipe interdisciplinar; c) Valores e humanização (LOSS, 2014, p. 61).

Segundo Loss, a parceria entre

educação e saúde requer trabalho em equipe, havendo trocas de experiência, dialogando com base em um planejamento e avaliações no decorrer das práticas pedagógicas, sempre procurando estratégias motivadoras, adaptadas a especificidade de cada paciente.

3 FORMAÇÃO CONTINUADA

A formação pedagógica desde a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996, proporciona o profissional pedagogo a atuação em diversas modalidades formal, não-formal, informal mencionado anteriormente. Nesta perspectiva, Paulo Freire entende que a formação pedagógica é um instrumento libertador e emancipatório diante de reflexões críticas que se voltam tanto ao aluno quanto ao docente em uma dialogicidade constante através da prática pedagógica, proporcionando a autoavaliação como mediador de conhecimentos em uma teia coletiva de experiência. A formação é um processo pedagógico intencional e político, pois diz respeito a interesses do povo e para o povo como política públicas, com preparação teórico-científica e técnica inclinada ao processo de ensino e aprendizagem e formação cidadã.

Nesta conjuntura, a formação continuada é a compensação de conhecimentos não adquiridos na graduação percebidos na atuação da prática pedagógica, resultado da autorreflexão.

Segundo Farfus (2012), os pedagogos necessitam ter competências técnicas e humanas pautadas por conceitos que permitam não somente observar a realidade, mas também recriá-la promovendo assim o desenvolvimento das aprendizagens.

O referido artigo apresenta resultado parcial do trabalho de conclusão de curso em execução, no qual a pesquisa realizada evidenciou a escassez de aportes bibliográficos fidedignos que relate a formação continuada voltada a pedagogia hospitalar, bem como, a

atuação do pedagogo hospitalar no ambiente hospitalar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados para a construção deste artigo, os resultados apontam o quanto a Pedagogia Hospitalar pode trazer inúmeras contribuições a instituição hospitalar, as crianças e adolescente hospitalizados e a seus responsáveis.

Além dos aspectos das aprendizagens e do desenvolvimento das habilidades pedagógicas, a pedagogia hospitalar corrobora com novas formas de enfrentamento do processo de hospitalização, promovendo uma aproximação com a rotina escolar, capaz de favorecer uma relação mais harmoniosa entre a equipe de saúde e paciente, reduzindo a ansiedade natural do processo de hospitalização.

Ademais a formação continuada faz necessária a atuação do pedagogo hospitalar, promover o aperfeiçoamento pedagógico, tornar efetiva uma prática pedagógica condizente com as necessidades específicas a cada paciente escolar.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L de A. Filosofia da educação. 3ªed. São Paulo: Moderna, 2006.

BOGDAN, R.; BILKEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

DANTAS, J. L. L. "Viver é muito perigoso" - A prática pedagógica hospitalar em tempos de pandemia: uma reflexão à luz de Grande Sertão: Veredas. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 226-236, 1 sem. 2020.

FARFUS, D. Espaços educativos: um olhar pedagógico. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FONSECA, E. S. da. Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar. São Paulo Memnon, 2003.

LOSS, A. S. Para onde vai a pedagogia? Entre tantos desafios à atuação do profissional – A Pedagogia Hospitalar. Curitiba: Appris, 2014

OLIVEIRA; T. C. de. Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no mundo. XI Congresso Nacional de Educação, EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR, 2013.

OLIVEIRA; L. M.; SOUZA FILHO, V. C.; GONÇALVES, A. G. Classe hospitalar e a prática da pedagogia. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia, Garça, v. 6, n. 11, s/p, 2008.

SILVA; M. M. T. da; RODRIGUES, K. G. Pedagogia hospitalar: o pedagogo e

suas práticas educativas em espaços não escolares. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SOUZA, Z.; ROLIM, C. As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. Revista Brasileira de Educação Especial, 2019.

VASCONCELOS, S. M. F.; NOGUEIRA, J. F. F. Da escola tradicional à classe hospitalar: quebra do paradigma de escolarização de um adolescente com câncer. Fortaleza: Anais da X Semana de Pesquisadores da Universidade Estadual do Ceará. Novembro, 2001.

XAVIER, T. G. M. Classe Hospitalar: Produção do Conhecimento em Saúde e Educação. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 19, n. 4, p. 611-622, out.-dez., 2013.